

Mario Vargas Llosa

O Herói Discreto

Tradução de Cristina Rodriguez e de Artur Guerra

I



FELÍCITO YANAQUÉ, DONO DA EMPRESA DE TRANSPORTES Narihualá, saiu de casa naquela manhã, como todos os dias de segunda a sábado, às sete e meia em ponto, depois de fazer meia hora de *chi kung*, tomar um duche frio e preparar o pequeno-almoço habitual: café com leite de cabra e torradas com manteiga e umas gotinhas de mel de *chancaca*¹. Vivia no centro de Piura, e na Rua Arequipa já tinha despontado o bulício da cidade, os altos passeios estavam cheios de gente a ir para o escritório, para o mercado ou a levar as crianças à escola. Algumas beatas seguiam para a catedral para a missa das oito. Os vendedores ambulantes ofereciam em voz alta as suas *melcochas*², rebuçados, *chifles*³, empadas e toda a espécie de guloseimas, e o cego Lucindo já estava instalado na esquina, sob os beirais da casa colonial, com o púcaro das esmolos aos pés. Tudo igual a todos os dias, desde tempos imemoriais.

Com uma exceção. Naquela manhã alguém tinha fixado na velha porta de madeira cravejada da sua casa, à altura da aldrava de bronze, um sobrescrito azul em que se lia claramente em letras maiúsculas o nome do proprietário: SENHOR FELÍCITO YANAQUÉ. De que ele se recordasse, era a primeira vez que alguém

¹ Mel que se obtém da cana-de-açúcar. (N. dos T.)

² Doce popular e artesanal feito com melado ou mel espesso. (N. dos T.)

³ Fatias de banana-verde temperadas com sal e fritas usando lenha de algarrobo. (N. dos T.)

lhe deixava uma carta assim fixada, como um aviso judicial ou uma multa. O normal era que o carteiro a fizesse deslizar para o interior pela fresta da porta. Soltou-a, abriu o sobrescrito e leu-a movendo os lábios à medida que o fazia:

«Senhor Yanaqué,

É um orgulho para Piura e para os Piuranos que corra tudo tão bem à sua Empresa de Transportes Narihualá. Mas também é um risco, pois toda a empresa de sucesso está exposta a sofrer depredação e vandalismo por parte dos ressentidos, invejosos e outras gentes de maus costumes que aqui abundam como o senhor deve muito bem saber. Mas não se preocupe. A nossa organização encarregar-se-á de proteger os Transportes Narihualá, bem como a si e a sua digna família de qualquer percalço, desgosto ou ameaça dos facínoras. A nossa remuneração por este trabalho será de quinhentos dólares por mês (uma insignificância para o seu património, como vê). Contactá-lo-emos oportunamente a propósito das modalidades de pagamento.

Não precisamos de lhe chamar a atenção para a importância de que o senhor seja o mais reservado possível sobre esta questão. Tudo isto deve ficar entre nós.

Fique com Deus.»

Em vez da assinatura, a carta tinha o desenho tosco daquilo que parecia uma aranhita.

O senhor Felícito leu-a mais duas vezes. A carta estava escrita em letra irregular e com manchas de tinta. Sentia-se surpreendido e divertido, com a vaga sensação de que se tratava de uma partida de mau gosto. Amachucou a carta com o sobrescrito e esteve quase a deitá-la para o cesto do lixo na esquina do ceguinho Lucindo. Porém, arrependeu-se e, alisando-a, guardou-a no bolso.

Havia uma dúzia de quarteirões entre a sua casa da Rua Arequipa e o escritório, na Avenida Sánchez Cerro. Desta vez não os percorreu preparando a agenda de trabalho do dia,

como sempre fazia, mas sim dando voltas à cabeça por causa da carta da aranhita. Deveria levar aquilo a sério? Ir à polícia denunciá-la? Os chantagistas anunciavam-lhe que se poriam em contacto com ele para as «modalidades de pagamento». Seria melhor esperar que o fizessem antes de se dirigir à esquadra da polícia? Talvez não passasse de uma brincadeira de um ocioso que queria fazer-lhe passar um mau bocado. Já há algum tempo que a delinquência tinha aumentado em Piura, é verdade: assaltos a casas, na rua, até sequestros que, dizia-se, eram combinados pelas famílias dos tipos brancos de El Chipe e de Los Ejidos. Sentia-se desconcertado e indeciso, mas seguro pelo menos de uma coisa: por razão nenhuma e em caso algum daria um centavo a esses bandidos. E, uma vez mais, como tantas na sua vida, Felícito recordou as palavras do pai antes de morrer: «Nunca te deixes pisar por ninguém, filho. Este conselho é a única herança que vais ter.» Tinha seguido o seu conselho, nunca se deixara pisar. E com o seu pouco mais de meio século aos ombros já estava velho para mudar de costumes. Estava tão absorto nestes pensamentos que mal cumprimentou com uma vénia o recitador Joaquín Ramos e estugou o passo; outras vezes parava a trocar umas palavras com este boémio impenitente que devia ter passado a noite nalgum barzito e só agora regressava a casa, com os olhos vidrados, o seu eterno monóculo e puxando a cabrita a que ele chamava a sua gazela.

Quando chegou aos escritórios dos Transportes Narihualá, já tinham partido, pontuais, os autocarros para Sullana, Talara e Tumbes, para Chulucanas e Morropón, para Catacaos, La Unión, Sechura e Bayóvar, todos com boa taxa de ocupação, assim como os autocarros para Chiclayo e as camionetas para Paita. Havia um punhado de gente a despachar encomendas ou a consultar os horários dos autocarros e transportes coletivos da tarde. A sua secretária, Josefita, a das grandes ancas, olhos reguilas e blusinhas decotadas, já lhe tinha posto na mesa do escritório a lista de reuniões e compromissos do dia e o termo com café que ele iria bebendo ao longo da manhã até à hora do almoço.

– O que é que tem, chefe? – cumprimentou-o. – Porquê essa cara? Teve pesadelos esta noite?

– Pequenos problemas – respondeu-lhe, enquanto tirava o chapéu e o casaco, os pendurava no cabide e se sentava. Mas levantou-se imediatamente e pô-los de novo, como que recordando algo muito urgente. – Já volto – disse à secretária, a caminho da porta. – Vou à esquadra fazer uma denúncia.

– Os ladrões assaltaram-no? – Josefita abriu os olhos vivos e esbugalhados. – Agora acontece todos os dias, em Piura.

– Não, não, eu depois conto-te.

Com passos decididos, Felícito dirigiu-se à esquadra que ficava a poucos quarteirões do seu escritório, na mesma Avenida Sánchez Cerro. Ainda era cedo e o calor suportável, mas ele sabia que em menos de uma hora estes passeios cheios de agências de viagens e companhias de transportes começariam a abrasar e que voltaria para o escritório a transpirar. Miguel e Tiburcio, seus filhos, tinham-lhe dito muitas vezes que era uma loucura andar sempre de casaco, colete e chapéu numa cidade onde todos, pobres e ricos, andavam o ano inteiro em mangas de camisa simples ou estilo *guayabera*. Mas ele nunca tirava aquelas peças para manter a compostura desde que inaugurara os Transportes Narihualá, o orgulho da sua vida; fosse inverno ou fosse verão trazia sempre chapéu, casaco, colete e a gravata com o seu nó miniatura. Era um homem pequeno e muito magrinho, económico e trabalhador que, lá em Yapatera, onde nasceu, e em Chulucanas, onde fez a primária, nunca calçou sapatos. Só começou a fazê-lo quando o pai o trouxe para Piura. Tinha cinquenta e cinco anos e conservava-se são, trabalhador e ágil. Pensava que o seu bom estado físico se devia aos exercícios matinais de *chi kung* que o seu amigo, o falecido merceiro Lau, lhe ensinara. Era o único desporto que praticara na vida, além de caminhar, desde que se pudesse chamar desporto a esses movimentos em câmara lenta que eram acima de tudo, mais do que exercitar os músculos, uma maneira diferente e sábia de respirar. Chegou à esquadra acalorado e furioso.

Brincadeira ou não, quem tinha escrito aquela carta estava a fazer-lhe perder a manhã.

O interior da esquadra era um forno e, como todas as janelas estavam fechadas, encontrava-se meio às escuras. Havia uma ventoinha à entrada, mas parada. O guarda da mesa das queixas, um juvenzinho imberbe, perguntou-lhe o que desejava.

– Falar com o chefe, se faz favor – disse Felícito, entregando-lhe o cartão de visita.

– O comissário está de férias durante dois dias – explicou-lhe o guarda. – Se quiser, o sargento Lituma, que é entretanto o responsável do posto, pode atendê-lo.

– Falarei, então, com ele, obrigado.

Teve de esperar um quarto de hora até o sargento se dignar recebê-lo. Quando o guarda o mandou entrar para o pequeno cubículo, Felícito tinha o lenço encharcado de tanto secar a testa. O sargento não se levantou a cumprimentá-lo. Estendeu-lhe uma mão rechonchuda e húmida e indicou-lhe uma cadeira vazia que tinha à sua frente. Era um homem roliço, a atirar para o gordo, olhinhos amáveis e começo de papada que coçava de quando em quando com carinho. Tinha a camisa cor caqui da farda desabotoada e com manchas de suor nas axilas. Na mesinha pequena havia uma ventoinha, esta, sim, a funcionar. Felícito sentiu, agradecido, a rajada de ar fresco que lhe acariciou o rosto.

– Em que posso servi-lo, senhor Yanaqué?

– Acabo de encontrar esta carta. Colaram-na na porta da minha casa.

Viu que o sargento Lituma punha uns óculos que lhe davam um ar doutoral e, com uma expressão tranquila, lia-a cuidadosamente.

– Bom, bom – disse, por fim, fazendo uma expressão que Felícito não conseguiu interpretar. – São estas as consequências do progresso, senhor Felícito.

Ao ver o desconcerto do transportista, esclareceu, sacudindo a carta que tinha na mão:

– Quando Piura era uma cidade pobre, estas coisas não aconteciam. Quem é que ia ter a ideia de pedir uma comissão a um comerciante? Agora, como há dinheiro, deitam a unha e enchem as algibeiras. A culpa é dos equatorianos, senhor. Como eles desconfiam do seu Governo, retiram o capital e vêm investi-lo aqui. Estão a encher os bolsos connosco, os Piuranos.

– Isso não me serve de consolo, sargento. Além disso, ouvindo-o a si até parece que é uma desgraça as coisas estarem agora a correr bem em Piura.

– Eu não disse isso – interrompeu o sargento, com parcimónia. – Só que tudo tem o seu preço nesta vida. E o do progresso é este.

Agitou novamente no ar a carta da aranhita, e Felícito Yanagué achou que aquela cara morena e rechonchuda troçava dele. Nos olhos do sargento fosforescia uma luzinha entre o amarelo e o esverdeado, como a das iguanas. Ao fundo da esquadra ouviu-se uma voz vociferante: «Os melhores cus do Peru estão aqui, em Piura! Assino por baixo, caralho!» O sargento sorriu e levou o dedo à testa. Felícito, muito sério, sentia claustrofobia. Quase não havia espaço para eles os dois entre aqueles tabiques de madeira escurecidos e cheios de avisos, memorandos, fotos e recortes de jornal ali pregados. Cheirava a suor e a velho.

– O gajo que escreveu isto tem boa ortografia – afirmou o sargento, lendo novamente a carta. – Eu, pelo menos, não encontro nenhum erro gramatical.

Felícito sentiu que o sangue se agitava.

– Não sou bom em gramática e não penso que isso tenha muita importância – murmurou com um tom de protesto. – E agora o que é que o senhor acha que vai acontecer?

– Para já, nada – respondeu o sargento, imutável. – Vou ficar com os seus dados, para qualquer eventualidade. Pode ser que o assunto não passe desta carta. Alguém que o traz debaixo de olho e que gostaria de lhe meter medo. Ou pode ser que seja uma coisa séria. Aqui diz que o irmão contactar para o pagamento. Se fizerem isso, volte cá e veremos.

– O senhor não parece estar a dar importância ao assunto – protestou Felícito.

– Por agora não tem – admitiu o sargento, encolhendo os ombros. – Isto é apenas um bocado de papel enrugado, senhor Yanaqué. Poderá ser uma parvoíce. Mas se a coisa ficar séria, a polícia atuará, garanto-lhe. Enfim, vamos lá ao trabalho.

Durante um bom bocado, Felícito teve de recitar os seus dados pessoais e empresariais. O sargento Lituma ia anotando num caderno de capa verde com um pequeno lápis que humedecia na boca. O transportista respondia às perguntas que achava inúteis, com uma desmoralização crescente. Vir fazer esta denúncia era uma perda de tempo. Este chui não ia fazer nada. Além disso, não diziam que a polícia era a mais corrupta das instituições públicas? Se calhar a carta da aranhita tinha saído daquela gruta malcheirosa. Quando Lituma lhe disse que a carta tinha de ficar na esquadra como prova, Felícito respingou.

– Gostava de tirar uma fotocópia, primeiro.

– Aqui não temos fotocopiadora – explicou o sargento, indicando com os olhos a austeridade franciscana do local. – Na avenida há muitas lojas que fazem fotocópias. O senhor vá lá agora e volte. Fico aqui à espera.

Felícito saiu para a Avenida Sánchez Cerro e, perto do Mercado Abastecedor, encontrou o que procurava. Teve de esperar um bom bocado que uns engenheiros tirassem cópias de um monte de planos e decidiu não voltar a submeter-se ao interrogatório do sargento. Entregou a cópia da carta ao guarda novinho da mesinha das queixas e, em vez de regressar ao seu escritório, voltou a mergulhar no centro da cidade, cheio de gente, buzínadelas, calor, altifalantes, mototáxis, automóveis e ruidosos carrinhos de mão. Atravessou a Avenida Grau, a sombra dos tamarindos da Praça de Armas e, resistindo à tentação de entrar para tomar uma *cremolada* de frutas em El Chalán, seguiu para o antigo bairro do Camal, o da sua adolescência, a Gallinacera, perto do rio. Rogava a Deus que Adelaida estivesse na sua lojinha. Iria fazer-lhe bem conversar com ela. Iria

melhorar-lhe o ânimo e quem sabe se a santeira não lhe dava um bom conselho. O calor já estava no seu ponto alto e ainda não eram dez horas. Sentia a testa húmida e uma chapa de calor abrasante à altura da nuca. Ia depressa, dando passos curtos e velozes, chocando com as pessoas que enchiam os passeios estreitos que cheiravam a mijo e a fritos. Um rádio com o volume no máximo tocava a salsa *Merecumbé*.

Felícito dizia para si, às vezes, e também dissera uma vez a Gertrudis, sua mulher, e aos filhos, que Deus, para premiar os seus esforços e sacrifícios de toda uma vida, tinha posto no seu caminho duas pessoas, o merceeiro Lau e a adivinhadora Adelaida. Sem eles, os negócios nunca lhe teriam corrido bem, nem teria conseguido que a sua empresa de transportes progredisse, nem constituído uma família respeitável, nem teria aquela saúde de ferro. Nunca tinha sido de grandes amigos. Desde que o pobre Lau fora levado para o outro mundo por uma infeção intestinal, só lhe restava Adelaida. Felizmente ela estava ali, junto do balcão da sua pequena loja de ervas, santos, artigos de costura e bugangas, a olhar para as fotos de uma revista.

– Olá, Adelaida – cumprimentou-a, estendendo-lhe a mão.
– Dá cá mais cinco. Ainda bem que te encontro.

Era uma mulata sem idade, baixinha, rabuda, mamalhuda, que andava descalça no chão de terra da sua lojinha, com os longos e crespos cabelos a varrer-lhe os ombros, enfiada naquela eterna túnica ou hábito de pano-cru cor de barro que lhe chegava aos tornozelos. Tinha uns olhos enormes e um olhar que parecia perfurar mais do que ver, atenuado por uma expressão simpática que dava confiança às pessoas.

– Se me vens visitar é porque te aconteceu ou vai acontecer alguma coisa má – riu-se Adelaida, batendo-lhe nas costas.
– Então, qual é o teu problema, Felícito?

Ele entregou-lhe a carta.

– Deixaram-na na porta esta manhã. Não sei o que fazer. Apresentei queixa na esquadra, mas acho que não vai dar nada. O chui que me atendeu não me ligou muito.

Adelaida tocou na carta e cheirou-a, aspirando profundamente como se se tratasse de um perfume. Depois levou-a à boca e pareceu a Felícito que ela até chupava uma pontinha do papel.

– Lê-ma, Felícito – disse, devolvendo-lha. – Já estou a ver que não é uma cartinha de amor, *che guá*¹.

Ouviu, muito séria, enquanto o transportista lha lia. Quando este terminou, fez um beicinho trocista e abriu os braços:

– O que é que queres que eu te diga, filho?

– Diz-me se isto é a sério, Adelaida. Se tenho de me preocupar ou não. Ou se é uma simples partida que me fazem, por exemplo. Esclarece-me isto, por favor.

A santeira soltou uma gargalhada que agitou todo o seu corpo fortalhaço, escondido debaixo da ampla túnica cor de barro.

– Eu não sou Deus para saber essas coisas! – exclamou, subindo e baixando os ombros e agitando as mãos.

– A inspiração não te diz nada, Adelaida? Nos vinte e cinco anos que te conheço nunca me deste um mau conselho. Todos me foram úteis. Não sei o que teria sido a minha vida sem ti, minha querida amiga. Não podias dar-me agora um?

– Não, filho, nenhum – retorquiu Adelaida, fingindo que ficava triste. – Não me vem nenhuma inspiração. Sinto muito, Felícito.

– Bom, o que é que se pode fazer? – concedeu o transportista levando a mão à carteira. – Quando não há, não há.

– Para que é que me vais dar dinheiro se não pude aconselhar-te – protestou Adelaida. Mas acabou por meter no bolso a nota de vinte soles que Felícito insistira que ela aceitasse.

– Posso sentar-me aqui um bocado, à sombra? Fiquei exausto com tanta andança, Adelaida.

– Senta-te e descansa, filho. Vou trazer-te um copo de água bem fresquinha, acabada de tirar do depósito de pedra. Põe-te à vontade.

¹ Expressão castiça dos habitantes de Piura que os caracteriza e identifica. (N. dos T.)

Enquanto Adelaida ia ao interior da loja e voltava, Felícito observou na penumbra do local as teias de aranha prateadas que caíam do teto, as velhas estantes com saquinhos de salsa, alecrim, coentros, hortelã-pimenta, e as caixas com pregos, parafusos, sementes, ilhós, botões, entre estampas e imagens de virgens, cristos, santos e santas, beatos e beatas, cortados de revistas e jornais, alguns com velinhas coladas e outros com enfeites que incluíam terços, bentinhos e flores de cera e de papel. Era por causa destas imagens que em Piura lhe chamavam a santeira, mas, naquele quarto de século que a conhecia, Felícito nunca achou Adelaida muito religiosa. Por exemplo, nunca a tinha visto na missa. Além disso, dizia-se que os párocos dos bairros a consideravam bruxa. Era o que lhe gritavam às vezes os putos na rua: «Bruxa! Bruxa!» Não era verdade, ela não fazia bruxedos, como muitas *cholas*¹ espertalhonas de Catacaos e de La Legua que vendiam poções para apaixonar, desapaixonar ou provocar azar, ou esses xamãs de Huancabamba que passavam a cobaia pelo corpo ou que mergulhavam em Las Huarinas os doentes que lhes pagavam para que os libertassem dos seus males. Adelaida nem sequer era uma adivinhadora profissional. Exercia aquele ofício muito de vez em quando, só com os amigos e conhecidos, sem lhes cobrar um centavo, embora, se estes insistissem, acabasse por guardar a prendinha que lhe quisessem dar. A mulher e os filhos de Felícito (e também Mabel) riam-se dele pela fé cega que ele tinha nas inspirações e nos conselhos de Adelaida. Não só acreditava nela; tinha-lhe ficado com carinho. Tinha pena da sua solidão e da sua pobreza. Não se lhe conhecia marido nem parentes; andava sempre sozinha, mas parecia contente com a vida de anacoreta que levava.

Tinha-a visto pela primeira vez um quarto de século antes, quando era motorista interprovincial de camiões de carga e ainda não tinha a sua pequena empresa de transportes, embora já

¹ O *cholo* é um mestiço de branco e índio. No entanto, este termo é também usado com conotações muito diversas (depreciativas, familiares e até carinhosas), dependendo do contexto. Por isso decidimos mantê-lo ao longo do romance nas suas diferentes formas (*cholola*, *cholitola*). (N. dos T.)

sonhasse noite e dia com ela. Aconteceu no quilómetro cinquenta da Panamericana, naqueles lugarejos onde motoristas de autocarros, camionistas e outros transportes coletivos paravam sempre para comer uma canja, beber um café, um copito de *chicha* e comer uma sandes antes de enfrentar o longo e ardente percurso do deserto de Olmos, cheio de pó e pedras, vazio de povoações e sem uma única estação de serviço e uma oficina para o caso de acidente. Adelaida, que já trazia aquela túnica cor de barro que seria sempre a sua vestimenta, tinha um dos postos de venda de carne seca e refrescos. Felícito conduzia um camião da Casa Romero, carregado até ao topo de fardos de algodão, em direção a Trujillo. Ia só; o ajudante havia renunciado à viagem no último momento, porque lhe tinham avisado do Hospital Obrero que a mãe ficara muito doente e podia falecer a qualquer momento. Ele estava a comer um *tamal*¹, sentado no banco do balcão de Adelaida, quando reparou que a mulher olhava para ele de forma estranha com aqueles grandes olhos fundos e escarvadores que ela tinha. Que mosca terá mordido a senhora, *che guá*? A cara tinha-se-lhe transfigurado. Notava-se que estava meio assustada.

– O que é que tem, senhora Adelaida? Porque me olha assim, como que a desconfiar de alguma coisa?

Ela nada disse. Continuava com os grandes e profundos olhos escuros cravados nele e fazia uma expressão de nojo ou de susto que lhe afundava as faces e enrugava a testa.

– A senhora sente-se mal? – insistiu Felícito, incómodo.

– Será melhor que não entre nesse camião – disse, por fim, a mulher, com voz rouca, como que a fazer um grande esforço para que a língua e a garganta lhe obedecessem. Indicava com a mão o camião vermelho que Felícito tinha estacionado à beira da estrada.

– Que eu não entre no meu camião? – repetiu ele, desconcertado. – E porquê, pode-se saber?

¹ *Tamal/tamalito*: massa de farinha de milho que pode ou não ser misturada com carne e outros ingredientes, envolvida em folhas de bananeira e cozida ao vapor ou no forno. (N. dos T.)

Adelaida tirou por um momento os olhos de cima dele para olhar para os lados como se temesse que os outros motoristas, clientes ou donos das lojas e pequenos bares daquele lugarejo pudessem ouvi-la.

– Tenho uma inspiração – disse-lhe, baixando a voz, sempre com a cara transfigurada. – Não posso explicar-lhe. Acredite sem mais no que lhe digo, por favor. Será melhor que não entre nesse camião.

– Agradeço o seu conselho, minha senhora, de certeza que é de boa-fé. Mas eu tenho de ganhar o meu pão. Sou motorista, ganho a minha vida com os camiões, dona Adelaida. Senão como é que eu dava de comer à minha mulher e aos meus filhos?

– Pelo menos seja, então, muito prudente – pediu-lhe a mulher, baixando os olhos. – Siga o meu conselho.

– Isso sim, minha senhora. Prometo. Sou sempre.

Hora e meia depois, numa curva da estrada por alcatroar, entre uma espessa poeirada cinzento-amarelada, surgiu, a derrear e a chiar, o autocarro da Cruz de Chalpón que veio estampar-se contra o seu camião, com um barulho ensurdecador de latas, travões, gritos e ranger de jantes. Felícito tinha bons reflexos e conseguiu desviar o camião tirando a parte dianteira da estrada, de forma que o autocarro bateu contra a tremonha e a carga, o que lhe salvou a vida. Mas enquanto os ossos das costas, do ombro e da perna direita não se soldaram, esteve imobilizado dentro de um molde de gesso que lhe provocava, além de dores, uma comichão louca. Quando finalmente pôde voltar a conduzir, a primeira coisa que fez foi ir ao quilómetro cinquenta. A senhora Adelaida reconheceu-o imediatamente.

– Fico muito contente por ver que o senhor está bem – disse em jeito de saudação. – Um *tamalito* e uma gasosa, como sempre?

– Peço-lhe encarecidamente, senhora Adelaida, que me diga como é que soube que aquele autocarro da Cruz de Chalpón ia chocar comigo. Não paro de pensar nisso, desde então. A senhora é bruxa, santa, ou o quê?

Viu que a mulher empalidecia e não sabia o que fazer com as mãos. Baixara a cabeça, confusa.

– Eu não soube nada disso – balbuciou, sem olhar e como se se sentisse acusada de algo grave. – Tive uma inspiração, nada mais. Acontece-me algumas vezes, nunca sei porquê. Eu não as procuro, *che guá*. Juro. É uma maldição que me caiu em cima. Não gosto que o santo Deus me tenha feito isto. Rezo todos os dias para que me tire este dom que me deu. É uma coisa terrível, acredite. Faz-me sentir culpada de todas as coisas más que acontecem às pessoas.

– Mas o que é que a senhora viu? Porque é que me disse naquela manhã que seria melhor não entrar no meu camião?

– Eu não vi nada, nunca vejo as coisas que vão acontecer. Não lhe disse já? Só tive uma inspiração. Que lhe podia acontecer alguma coisa se o senhor entrasse naquele camião. Não soube o quê. Nunca sei o que é que vai acontecer. Só que há coisas que é preferível não fazer porque têm más consequências. Vai comer esse *tamalito* e beber uma *Inca Kola*?

Tinham-se tornado amigos desde então e depressa começaram a tratar-se por tu. Quando a senhora Adelaida deixou o lugarejo do quilómetro cinquenta e abriu a sua lojinha de ervas, artigos de costura, bugigangas e imagens religiosas na vizinhança do antigo Camal, Felícito vinha pelo menos uma vez por semana cumprimentá-la e conversar um bocado. Quase sempre lhe trazia uma prendinha, uns doces, um bolo, umas sandálias e, ao despedir-se, deixava-lhe uma nota naquelas mãos duras e calejadas de homem que ela tinha. Consultara-a em todas as decisões importantes que tomara nesses vinte anos e pico, sobretudo desde que fundara os Transportes Narihualá: as dívidas que contraiu, os camiões, os autocarros e automóveis que foi comprando, os estabelecimentos que alugou, os motoristas, mecânicos e empregados que contratava ou despedia. Na maioria das vezes, Adelaida ria-se das suas consultas. «Eu sei lá alguma coisa disso, Felícito, *che guá*. Como é que queres que eu te diga se é preferível um *Chevrolet* ou um *Ford*, o que é que

eu vou saber de marcas de carros se nunca tive nem terei nenhum?» Mas de quando em quando, embora não soubesse de que se tratava, vinha-lhe uma inspiração e dava-lhe um conselho: «Sim, mete-te nisso, Felícito, vai-te correr bem, parece-me.» Ou: «Não, Felícito, não te convém, não sei o quê, mas cheira-me que há qualquer coisa feia nesse assunto.» As palavras da santeira eram para o transportista verdades reveladas, e ele obedecia-lhes à letra, por mais incompreensíveis ou absurdas que parecessem.

– Adormeceste, filho – ouviu-a dizer.

Com efeito, tinha adormecido depois de beber o copinho de água fresca que Adelaida lhe trouxera. Quanto tempo estivera a cabecear naquela cadeira de baloiço dura que lhe tinha provocado uma câibra no traseiro? Olhou para o relógio. Bom, apenas alguns minutos.

– Foram as tensões e a azáfama desta manhã – disse ele, pondo-se de pé. – Até logo, Adelaida. Que tranquilidade existe aqui na lojinha! Faz-me sempre bem fazer-te uma visita, mesmo que não te venha a inspiração.

No mesmo instante em que pronunciou aquela palavra-chave, inspiração, com a qual Adelaida definia a misteriosa faculdade de que era dotada, adivinhar as coisas boas ou más que iam acontecer a algumas pessoas, Felícito notou que a expressão da santeira já não era a mesma com que o recebera e ouvira a leitura da carta da aranhita e assegurara que esta não lhe inspirava qualquer reação. Agora estava muito séria, com expressão grave, o sobrolho franzido e a mordiscar uma unha. Dir-se-ia que estava a conter a angústia que começava a embargá-la. Tinha os seus grandes olhos cravados nele. Felícito sentiu que o coração acelerava.

– O que é que tens, Adelaida? – perguntou, alarmado. – Não me digas que agora sim...

A mão endurecida da mulher agarrou-o pelo braço e ficou-lhe os dedos.

– Dá-lhes o que te pedem, Felícito – murmurou. – É melhor dar-lhes.

– Que eu dê quinhentos dólares por mês a esses chantagistas para não me fazerem mal? – escandalizou-se o transportista. – É isso que a inspiração te está a dizer, Adelaida?

A santeira largou o braço e, carinhosa, deu-lhe umas palmadas.

– Já sei que está mal, já sei que é muito dinheiro – concedeu. – Mas, apesar de tudo, que importa o dinheiro, não achas? É mais importante a tua saúde, a tua tranquilidade, o teu trabalho, a tua família, o teu amorzinho de Castilla, enfim. Já sei que não gostas que eu te diga isto. Eu também não gosto, filho, tu és um bom amigo. Além disso, se calhar estou enganada e dou-te um mau conselho. Não tens de acreditar em mim, Felícito.

– Não é por causa do dinheiro, Adelaida – disse ele, com firmeza. – Um homem não se deve deixar pisar por ninguém nesta vida. É só por isso, e mais nada, minha querida amiga.

II



QUANDO O SENHOR ISMAEL CARRERA, o dono da seguradora, passou pelo seu escritório e lhe propôs que almoçassem juntos, Rigoberto pensou: «Vai-me pedir mais uma vez para eu voltar atrás.» Porque Ismael, como todos os seus colegas e subordinados, tinha ficado muito surpreendido com o seu intempestivo anúncio de que anteciparia a sua reforma três anos. Porquê aposentar-se aos sessenta e dois, diziam-lhe todos, se podia permanecer mais três naquela administração que ele exercia com o respeito unânime dos quase trezentos empregados da firma?

«Com efeito, porquê, porquê?», pensou. Nem sequer era muito claro para ele. Mas a sua determinação era inabalável. Não daria um passo atrás, embora, por se reformar antes de fazer os sessenta e cinco, não o fizesse com o salário completo nem tivesse direito a todas as indemnizações e bonificações dos que chegavam a pensionistas ao atingirem o limite de idade.

Procurou animar-se pensando no tempo livre de que iria dispor. Passar as horas no seu pequeno espaço de civilização, protegido da barbárie, a contemplar as suas amadas gravuras, os livros de arte que abarrotavam a sua biblioteca, a ouvir boa música, fazer a viagem anual à Europa com Lucrecia na primavera ou no outono, ir a festivais, feiras de arte, visitar museus, fundações, galerias, voltar a ver aqueles quadros e esculturas mais queridos e a descobrir outros que incorporaria na sua pinacoteca secreta. Tinha feito cálculos e ele era bom a matemática.

Gastando de forma sensata e administrando com prudência o seu quase milhão de dólares de poupanças e a sua pensão, Lucrecia e ele teriam uma velhice muito cômoda e poderiam deixar o futuro de Fonchito assegurado.

«Sim, sim», pensou, «uma velhice longa, culta e feliz.» Então porque é que, apesar desse futuro promissor, ele sentia tanto desassossego? Seria Edilberto Torres ou melancolia antecipada? Sobretudo quando, como agora, ele passava o olhar pelos retratos e diplomas que pendiam das paredes do escritório, pelos livros alinhados em duas estantes, pelo seu escritório milimetricamente ordenado com os seus cadernos de apontamentos, lápis e lapiseiras, calculadora, relatórios, computador ligado e a televisão sempre no canal Bloomberg com as cotações das bolsas. Como é que podia sentir nostalgia antecipada de tudo isto? A única coisa importante deste escritório eram os retratos de Lucrecia e de Fonchito – recém-nascido, menino e adolescente – que levaria consigo no dia da mudança. Além disso, este velho edifício da Avenida Carabaya, no centro de Lima, em breve deixaria de ser a sede da companhia de seguros. O novo local, em San Isidro, na margem do Zanjón, estava terminado. Esta feia construção onde tinha trabalhado durante trinta anos da sua vida seria provavelmente demolida.

Pensou que Ismael o levaria, como sempre que o convidava para almoçar, ao Club Nacional e que ele, mais uma vez, seria incapaz de resistir à tentação desse enorme bife panado com *tacu-tacu*¹, a que chamavam «um lençol», e de beber dois copos de vinho, sentindo-se assim toda a tarde empanturrado, com dispepsia e sem vontade de trabalhar. Para sua surpresa, mal entraram no *Mercedes Benz*, na garagem do edifício, o seu chefe ordenou ao motorista: «Para Miraflores, Narciso, para o La Rosa Náutica.» Virando-se para Rigoberto, explicou: «Vai-nos fazer bem respirar um pouco de ar do mar e ouvir os gritos das gaivotas.»

¹ Prato típico da gastronomia crioula do Peru que consiste essencialmente em sobras de arroz e legumes misturados até formar uma massa homogénea. (*N. dos T.*)

– Se pensas que me vais subornar com um almoço, estás louco, Ismael – preveniu ele. – Vou-me reformar de qualquer modo, nem que me ponhas uma pistola no peito.

– Não vou pôr nada – disse Ismael, com um gesto trocista. – Sei que és teimoso como uma mula. E sei também que te arrependerás, sentindo-te inútil e aborrecido em tua casa, dando cabo da paciência de Lucrecia o dia todo. Virás depressa pedir-me de joelhos que te volte a aceitar na gerência. E vou aceitar, claro. Mas antes vou fazer-te sofrer um bom bocado, aviso-te.

Tentou recordar desde quando conhecia Ismael. Muitos anos. Tinha sido muito bom rapaz em novo. Elegante, distinto, sociável. E, até casar com Clotilde, um sedutor. Fazia suspirar solteiras e casadas, velhas e novas. Agora perdera cabelo, tinha apenas uns tufos esbranquiçados na careca, enrugara, engordara e arrastava os pés. Notava-se a dentadura postiça que tinha sido posta por um dentista de Miami. Os anos, e sobretudo os gémeos, tinham-no arruinado fisicamente. Conheceram-se no primeiro dia em que Rigoberto foi trabalhar na companhia de seguros, no contencioso. Trinta longos anos! Carago, toda uma vida. Recordou o pai de Ismael, o senhor Alejandro Carrera, o fundador da empresa. Robusto, incansável, um homem difícil mas íntegro que só com a sua presença punha ordem e infundia segurança. Ismael tinha-lhe respeito, embora nunca gostasse dele. Porque o senhor Alejandro obrigara o seu filho único, acabado de chegar de Inglaterra, onde se tinha formado em Economia na Universidade de Londres e feito um ano de prática na Lloyd's, a trabalhar em todas as secções da companhia que já começava a ser importante. Ismael roçava já os quarenta e sentia-se humilhado por aquele treino que o levaria até a ter de classificar a correspondência, administrar o refeitório, ocupar-se dos motores da estação elétrica, da vigilância e limpeza do estabelecimento. O senhor Alejandro podia ser um pouco despótico, mas Rigoberto recordava-o com admiração: um capitão de empresa. Tinha feito esta companhia do nada, começando com um capital diminuto e empréstimos que pagou

até ao último centavo. Mas Ismael tinha sido na verdade um continuador avantajado da obra de seu pai. Também era incansável e sabia exercer o seu dom de comando quando fazia falta. Em contrapartida, com os gémeos à frente, a estirpe dos Carrera acabaria no balde do lixo. Nenhum dos dois tinha herdado as virtudes empresariais do pai e do avô. Quando Ismael desaparecesse, pobre companhia de seguros! Felizmente, ele já não estaria como administrador para presenciar a catástrofe. Para que é que o seu chefe o convidava para almoçar, se não era para lhe falar da sua reforma antecipada?

O La Rosa Náutica estava cheio de gente, muitos turistas que falavam inglês e francês, e tinham reservado para o senhor Ismael uma mesinha ao pé da janela. Beberam um *Campari*, vendo alguns surfistas a aproveitar as ondas enfiados nos seus fatos de borracha. Era uma manhã cinzenta de inverno, com nuvens baixas e escuras que ocultavam as falésias e bandos de gaivotas aos gritos. Uma esquadrilha de alcatrazes pairava planando rente ao mar. O ritmado rumor das ondas e da ressaca era agradável. «O inverno é triste em Lima, embora mil vezes preferível ao verão», pensou Rigoberto. Pediu uma corvina grelhada com salada e avisou o seu chefe de que não provaria nem uma gota de vinho; tinha trabalho no escritório e não queria passar a tarde a bocejar como um crocodilo e a sentir-se um sonâmbulo. Pareceu-lhe que Ismael, absorto, nem sequer o ouvia. Que mosca lhe teria mordido?

– Tu e eu somos bons amigos, sim ou não? – lançou-lhe o chefe, de repente, como que acordando.

– Suponho que sim, Ismael – retorquiu Rigoberto. – Se é que deveras pode haver amizade entre um patrão e o seu empregado. Existe a luta de classes, já sabes.

– Tivemos os nossos confrontos, algumas vezes – prosseguiu Ismael, muito sério. – Mas apesar de tudo acho que nos demos bastante bem nestes trinta anos. Não te parece?

– Todo este rodeio sentimental para me pedir que não me reforme? – provocou Rigoberto. – Vais dizer-me que a companhia se afunda se eu me for embora?

Ismael não tinha vontade de brincar. Observava as amêijoas à parmesã que acabavam de lhe trazer como se pudessem estar envenenadas. Movia a boca, fazendo barulho com a dentadura postiça. Havia inquietação nos seus olhinhos semicerrados. A próstata? Um cancro? O que é que ele teria?

– Quero pedir-te um favor – murmurou, em voz muito baixa, sem olhar para ele. Quando levantou os olhos, Rigoberto viu que os tinha muito desorientados. – Um favor, não. Um grande favor, Rigoberto.

– Se puder, claro que sim – concordou, intrigado. – O que é que se passa, Ismael? Fizeste cá uma cara!

– Que sejas minha testemunha – disse Ismael, escondendo de novo os olhos nas amêijoas. – Vou casar.

O garfo com o pedaço de corvina ficou um momento no ar e, por fim, em vez de o levar à boca, Rigoberto devolveu-o ao prato. «Quantos anos terá ele?», pensava. «Não menos de setenta e cinco ou setenta e oito, talvez até oitenta.» Não sabia o que dizer. A surpresa emudecera-o.

– Necessito de duas testemunhas – acrescentou Ismael, agora olhando para ele e um pouco mais dono de si mesmo. – Passei em revista todos os meus amigos e conhecidos. E cheguei à conclusão de que as pessoas mais leais, em quem confio mais, são Narciso e tu. O meu motorista aceitou. Tu aceitas?

Ainda incapaz de articular uma palavra, ou de fazer uma brincadeira, Rigoberto só atinou em dizer que sim com a cabeça.

– Claro que sim, Ismael – balbuciou, finalmente. – Garante-me que isto é a sério, que não é o teu primeiro sintoma de demência senil.

Desta vez Ismael sorriu, embora sem uma pitada de alegria, abrindo muito a boca e ostentando a brancura explosiva dos seus falsos dentes. Havia septuagenários e octogenários bem conservados, dizia Rigoberto para si mesmo, mas não era, sem dúvida, o caso do chefe. Naquele crânio oblongo, sob os tufos brancos, abundavam as manchas, tinha a testa e o pescoço sulcados de rugas e todo o seu semblante parecia um pouco abatido.

Estava vestido com a elegância habitual, fato azul, camisa que parecia acabada de engomar, gravata com um alfinete de ouro e um lençinho no bolso.

– Enlouqueceste, Ismael? – exclamou Rigoberto, de repente, reagindo tardiamente à notícia. – A sério que te vais casar? Com a tua idade?

– É uma decisão perfeitamente pensada – ouviu-lhe dizer, com firmeza. – Tomei-a sabendo muito bem o que me irá acontecer. Não será preciso dizer-te que, se fores minha testemunha de casamento, também tu terás problemas. Enfim, para quê falar do que já sabes muito bem?

– Eles já tomaram conhecimento disso?

– Não me faças perguntas parvas, por favor – impacientou-se o seu chefe. – Os gémeos irão aos arames, vão mover a terra e o inferno para anularem o meu casamento, fazer com que me declarem incapacitado, meterem-me num manicómio e mil coisas mais. Até mandarem-me matar por um sicário, se puderem. É claro que Narciso e tu também serão vítimas do seu ódio. Sabes tudo isso e contudo disseste-me que sim. Não me enganei, portanto. És o tipo puro, generoso e nobre que sempre pensei. Obrigado, meu velho.

Estendeu a mão, pegou em Rigoberto pelo braço e manteve-a ali um momento, com uma pressão afetuada.

– Pelo menos diz-me quem é a noiva felizarda – perguntou-lhe Rigoberto, tentando engolir um bocado de corvina. Tinha perdido completamente a vontade de comer.

Desta vez, Ismael sorriu de verdade, olhando para ele com troça. Uma luzinha maliciosa esvoaçava nas suas pupilas enquanto lhe sugeria:

– Bebe antes qualquer coisa, Rigoberto. Se ficaste tão pálido só porque te disse que me ia casar, quando te disser com quem poderás ter um enfarte.

– Essa caçadora de fortunas é assim tão feia? – murmurou ele. Com semelhantes prolegómenos a sua curiosidade era enorme.

– Com Armida – disse Ismael, soletrando o nome. Esperava a sua reação como um entomólogo à de um inseto.

Armida, Armida? Rigoberto passava em revista todas as suas conhecidas, mas nenhuma encaixava naquele nome.

– Conheço-a? – perguntou, por fim.

– Armida – repetiu Ismael, perscrutando-o e medindo-o com um sorriso. – Conhece-la muito bem. Viste-a milhares de vezes em minha casa. Só que nunca reparaste nela. Porque ninguém repara nunca nas empregadas domésticas.

O garfo, com um novo bocado de corvina, escorregou-lhe entre os dedos e caiu no chão. Enquanto se agachava para o apanhar sentiu que o seu coração se pusera a palpitar com mais força. Ouviu que o seu chefe se ria. Seria possível? Ia casar com a criada? Estas coisas não aconteciam só nas telenovelas? Ismael falava a sério ou estaria a gozar com ele? Imaginou os falatórios, as invenções, as conjeturas, as anedotas que inflamariam a Lima das pessoas coscuvilheiras: teriam diversão para muito tempo.

– Alguém aqui está louco – afirmou, entredentes. – Tu ou eu. Ou estaremos os dois loucos, Ismael?

– Ela é boa mulher e amamo-nos – disse o chefe, já sem qualquer perturbação. – Conheço-a há muito tempo. Será uma excelente companheira para a minha velhice, vais ver.

Agora sim: Rigoberto viu-a, recriou-a, inventou-a. Moreninha, de cabelo muito preto, de olhos vivos. Uma crioulazinha, uma mulher do litoral, desenvolta, muito baixa. Uma *cholita* bastante apresentável. «Deve ser quarenta anos mais velho do que ela, talvez mais», pensou. «Ismael enlouqueceu.»

– Se decidiste protagonizar na tua velhice o escândalo mais badalado da história de Lima, então vais consegui-lo – suspirou. – Serás o alimento dos coscuvilheiros sabe Deus durante quantos anos. Séculos, talvez.

Ismael riu-se, desta vez com evidente bom humor, concordando.

– Pronto, já te disse, Rigoberto! – exclamou, aliviado. – Custou-me na verdade muito trabalho. Confesso que tive um mar de dúvidas. Morria de vergonha. Quando disse a Narciso, o preto abriu os olhos que nem pratos e quase engoliu a língua. Bom, já sabes. Será um grande escândalo mas estou-me nas tintas. Sempre aceitas ser minha testemunha?

Rigoberto dizia com a cabeça: sim, sim, Ismael, se era ele a pedir-lhe, claro que ia aceitar. Mas, mas... Caramba, não sabia que porra dizer.

– Esse casamento é imprescindível? – animou-se, por fim. – Quero dizer, arriscar-te ao que virá depois? Não estou a pensar só no escândalo, Ismael. Estás a ver o que quero dizer. Vale-rá a pena a confusão monumental com os teus filhos que isto vai desencadear? Um casamento tem efeitos legais, financeiros. Enfim, imagino que terás pensado nisso tudo e que estou a fazer reflexões estúpidas. Não é verdade, Ismael?

Viu o chefe beber meia taça de vinho branco de um trago. Viu-o encolher os ombros e concordar.

– Procurarão que eu seja declarado como incapacitado – explicou, em tom sarcástico, fazendo um gesto depreciativo. – Vai ser preciso untar muitas mãos, entre juizes e advogados, é claro. Eu tenho mais dinheiro do que eles, por isso não vão ganhar a causa, se me processarem.

Falava sem olhar para Rigoberto, sem levantar a voz para que não o ouvissem nas mesas ao lado, com os olhos no mar. Mas também não via, sem dúvida, os surfistas, as gaivotas, as ondas que corriam para a praia, crepitando espuma branca, ou a dupla fila de automóveis que passava pela Costa Verde. A sua voz tinha vindo a encher-se de fúria.

– Tudo isto valerá a pena, Ismael? – insistiu Rigoberto. – Advogados, notários, juizes, audiências, a imundície jornalística a escarafunchar a tua vida privada até à náusea. Todo esse horror, além do dinheirão que te vai custar esse capricho. As dores de cabeça, os desgostos. Valerá a pena?

Em vez de lhe responder, Ismael surpreendeu-o com outra pergunta:

– Lembras-te de quando tive o enfarte, em setembro?

Rigoberto lembrava-se muito bem. Toda a gente pensou que Ismael ia morrer. Foi surpreendido no carro, de regresso a Lima depois de um almoço em Ancón. Narciso levou-o desmaiado à Clínica San Felipe. Tiveram-no vários dias nos Cuidados Intensivos, com oxigénio, tão fraco que nem conseguia falar.

– Pensávamos que não ias passar essa prova, que grande susto nos pregaste! A que propósito vem isso, agora?

– Foi então que decidi casar com Armida. – A cara de Ismael azedara e a sua voz estava carregada de amargura. Parecia mais velho naquele momento. – Estive à beira da morte, claro que estive. Vi-a pertinho, toquei-lhe, cheirei-a. A fraqueza não me deixava falar, não, senhor. Mas ouvir, isso sim. Coisa que os canalhas dos meus filhos não sabem, Rigoberto. A ti posso dizer. Só a ti. Que nunca saia da tua boca, nem mesmo para Lucrecia. Jura-me, por favor.

– O doutorzinho Gamio foi superclaríssimo – afirmou Miki, entusiasmado, sem baixar a voz. – Estica o pernil ainda esta noite, irmão. Um enfarte maciço. Um enfartão, disse ele. E possibilidades mínimas de recuperação.

– Fala mais baixo – repreendeu-o Escobita. Este, sim, falava muito baixinho, naquela penumbra que deformava as silhuetas, naquele estranho quarto que cheirava a formol. – Deus te oiça, mano. Conseguiste averiguar alguma coisa do testamento no escritório do doutor Arnillas? Porque, se ele nos quiser tramar, trama-nos. Este velho de merda é muito sabido.

– Arnillas não dá com a língua nos dentes porque está comprado – disse Miki, baixando também a voz. – Fui vê-lo agora à tarde e tentei tirar nabos da púcara, mas não houve forma. De qualquer modo, fiz as minhas averiguações. Mesmo que ele nos quisesse lixar, não pode. O que nos adiantou ao tirar-nos da empresa não conta, não há documentos nem provas. A lei

é muito clara. Somos herdeiros legitimários. É assim que se chama: legitimários. Não pode, irmão.

– Não te fies, mano. Ele conhece as manhas todas. Só para nos lixar é capaz de qualquer coisa.

– Esperemos que não passe de hoje – disse Miki. – Porque, seja como for, o velhadas vai-nos dar outra noite sem dormir.

– Velho de merda isto, que rebente quanto antes aquilo, a menos de um metro de mim, felizes por saberem que eu estava a agonizar – recordou Ismael, falando baixo, com o olhar no vazio. – Sabes uma coisa, Rigoberto? Eles salvaram-me da morte. Sim, eles, juro-te. Porque, ao ouvi-los dizer aquelas barbaridades, senti uma vontade incrível de viver. De não lhes fazer a vontade, de não morrer. E palavra de honra que o meu corpo reagiu. Decidi ali mesmo, na clínica. Se recuperar, caso-me com Armida. Lixo-os eu antes que eles me lixem a mim. Queriam guerra? Tê-la-ão. E vão ter, meu velho. Já estou a ver as caras que eles vão fazer.

O fel, a decepção e a ira não só impregnavam as suas palavras e a sua voz como também o esgar que lhe retorcia a boca, as mãos que espremiavam o guardanapo.

– Pode ter sido uma alucinação, um pesadelo – murmurou Rigoberto, sem acreditar no que dizia. – Com a quantidade de drogas que te meteram no corpo podes ter sonhado com isso, Ismael. Deliravas, eu vi-te.

– Eu sabia muito bem que os meus filhos nunca gostaram de mim – continuou o chefe, sem lhe ligar nenhuma. – Mas não que me odiassem àquele ponto. Que chegassem a desejar a minha morte para herdar quanto antes. E, é claro, gastarem enquanto o diabo esfrega um olho o que o meu pai e eu levávamos ao longo de tantos anos, trabalhando até à exaustão. Mas não. As «hienas» vão ficar de mãos a abanar, garanto-te.

Aquilo das «hienas» assentava que nem uma luva aos dois filhos de Ismael, pensou Rigoberto. Boas peças, qual deles o pior. Ociosos, borganistas, abusadores, dois parasitas que desonravam o apelido do pai e do avô. Porque teriam saído assim? Não foi,

sem dúvida, por falta de carinho e cuidado dos pais. Antes pelo contrário. Ismael e Clotilde sempre se desvelaram por eles, fizeram tudo para lhes dar a melhor educação. Sonhavam fazer deles dois senhores. Como é que diabos se tornaram o par de velhacos que eram? Não estranhava que tivessem aquela conversa sinistra aos pés da cama do pai moribundo. E ainda por cima brutos, nem pensaram que ele podia ouvi-los. Eram capazes disso e coisas piores, é claro. Rigoberto sabia muito bem, nestes anos todos tinha sido muitas vezes com quem ele enxugara as lágrimas e seu confidente a propósito das maldades dos seus filhinhos. Muito tinham sofrido Ismael e Clotilde com os escândalos que eles provocaram desde novinhos!

Tinham ido para a melhor escola de Lima, tinham tido professores particulares nas matérias em que fraquejavam, tinham feito cursos de verão nos Estados Unidos e em Inglaterra. Aprenderam inglês mas falavam um espanhol de analfabetos, recheado com toda aquela horrível gíria e apócopes da juventude limenha; não tinham lido um livro, nem talvez um jornal, na sua vida; provavelmente não sabiam quais eram as capitais de metade dos países latino-americanos e nenhum dos dois conseguira passar sequer no primeiro ano da universidade. Tinham-se estreado em malfetorias ainda adolescentes, violando aquela rapariguinha que haviam conquistado numa festazinha de engates, em Pucusana. Floralisa Roca, assim se chamava, um nome que parecia saído de um romance de cavalaria. Magra, muito bonita, um olhar alarmado e choroso, um corpinho que tremia de medo. Rigoberto lembrava-se muito bem dela. Tinha-a na consciência e ainda sentia remorsos do feio papel que tivera de desempenhar naquele assunto. Reviveu aquela confusão: advogados, médicos, relatórios policiais, diligências desesperadas para que nem *La Prensa* nem *El Comercio* incluíssem os nomes dos gêmeos nas notícias sobre o episódio. Ele mesmo tivera de falar com os pais da rapariga, um casal de Icanhos de idade já avançada a quem acalmar e silenciar custou perto de cinquenta mil dólares, naquela época uma fortuna. Tinha

bem presente na memória a conversa com Ismael, num daqueles dias. O seu chefe apertava a cabeça, continha as lágrimas e entrecortava-se-lhe a voz: «Em que é que falhámos, Rigoberto? O que é que Clotilde e eu fizemos para que Deus nos castigue assim? Como é possível termos filhos semelhantes a foragidos! Nem sequer se arrependem da barbaridade que fizeram. Deitam a culpa à pobre da rapariga, imagina! Não só a violaram. Batearam-lhe, maltrataram-na.» Foragidos, é esta a palavra correta. Talvez Clotilde e Ismael os tivessem mimado de mais, talvez nunca lhes tenham feito sentir um pouco de autoridade. Não deviam ter-lhes perdoado sempre as graças, ou pelo menos não tão depressa. As gracinhas dos gémeos! Desastres de automóvel por conduzirem bêbados e drogados, dívidas contraídas em nome do pai, recibos forjados no escritório quando Ismael teve, em má hora, a ideia de os meter na companhia para se irem habituando. Tinham sido um pesadelo para Rigoberto. Tinha de ir em pessoa informar o chefe das proezas dos irmãozinhos. Chegaram a esvaziar a caixa do seu escritório, onde guardava o dinheiro das despesas correntes. Felizmente, esta foi a gota que fez transbordar o copo. Ismael expulsou-os e preferiu dar-lhes uma mesada, financiar-lhes a preguiça. O rol de ambos era interminável. Por exemplo, entraram na Universidade de Boston e os pais estavam felizes. Meses depois, Ismael descobriu que nunca tinham posto lá os pés, que haviam metido no bolso a matrícula e a pensão, falsificando notas e relatórios de assiduidade. Um deles – Miki ou Escobita? – atropelou um peão em Miami e estava foragido dos Estados Unidos porque aproveitara a liberdade provisória para fugir para Lima. Se voltasse lá iria para a prisão.

Depois da morte de Clotilde, Ismael rendeu-se. Que fizessem o que lhes desse na real gana. Adiantara-lhes parte da herança, para que a trabalhassem se quisessem ou a dilapidassem, que foi, naturalmente, o que eles fizeram, viajando pela Europa e vivendo à grande. Eram já homens feitos, roçando os quarenta anos ou mais. O seu chefe não queria mais dores de cabeça

com aqueles incorrigíveis. E agora isto! Claro que tentariam anular aquele casamento, se se realizasse. Nunca deixariam que lhes tirassem uma herança que, é claro, esperavam com voracidade de canibais. Imaginou a raiva com que ficariam. O pai casado com Armida! Com a criada! Com uma *chola*! Riu-se para os seus botões: sim, as caras que eles iriam fazer! O escândalo seria de arromba. Já conseguia ouvir, ver, cheirar o rio de maledicências, conjeturas, piadas, invenções que correriam nos telefones de Lima. Não via a hora de poder contar estas novidades a Lucrecia.

– Tu dás-te bem com Fonchito? – A voz do chefe tirou-o das suas reflexões. – Quantos anos já tem o teu filho? Catorze ou quinze, não?

Rigoberto estremeceu ao imaginar que Fonchito pudesse converter-se em alguém parecido com os filhos de Ismael. Felizmente, não era dado a borgas.

– Dou-me bastante bem com ele – respondeu. – E Lucrecia ainda melhor do que eu. Fonchito gosta dela como se fosse sua mãe.

– Tiveste sorte, a relação de uma criança com a sua madrasta nem sempre é fácil.

– É um bom rapaz – reconheceu Rigoberto. – Estudioso, dócil. Mas muito solitário. Está nesse momento difícil da adolescência. Retrai-se muito. Eu gostaria de vê-lo com mais amigos, que saísse, namorasse com raparigas, fosse a festas.

– É o que as «hienas» faziam na idade dele – lamentou-se o senhor Ismael. – Ir a festas, divertir-se. É melhor que ele seja como é, velho. As más companhias é que perverteram os meus filhos.

Pouco faltou a Rigoberto para contar a Ismael aquela maluqueira de Fonchito e as aparições daquele personagem, Edilberto Torres, a quem ele e a dona Lucrecia chamavam o Diabo, mas conteve-se. Para quê, vá-se lá saber como é que ele veria a coisa. Ao princípio, ele e Lucrecia tinham-se divertido com as supostas aparições desse idiota e aplaudido a imaginação

fosforescente do miúdo, convencidos de que era mais um daqueles joguinhos com que ele gostava de os surpreender de vez em quando. Mas agora já andavam preocupados e a dar voltas à ideia de o levarem a um psicólogo. Tinha realmente de reler o capítulo sobre o Diabo do *Doutor Fausto*, de Thomas Mann.

– Ainda nem acredito nisso tudo, Ismael! – exclamou de novo, soprando a chavenazinha de café. – Tens realmente a certeza de que queres fazer isso, casar?

– Tanta certeza como que a Terra é redonda – afirmou o chefe. – Não é só para dar uma lição a esses dois. Tenho muito carinho por Armida. Não sei o que teria sido de mim sem ela. Desde a morte de Clotilde que a sua ajuda tem sido impagável.

– Se a memória não me engana, Armida é uma mulher muito nova – murmurou Rigoberto. – Quantos anos tens a mais, pode-se saber?

– Trinta e oito, só – riu-se Ismael. – É jovem, sim, e espero que me ressuscite, como fez com Salomão a rapariguinha da Bíblia. A Sulamita, não?

– Bom, bom, é lá contigo, é a tua vida – resignou-se Rigoberto. – Eu não sou bom a dar conselhos. Casa-te com Armida e que o fim do mundo nos caia em cima, tanto faz, meu velho.

– Se queres saber, damo-nos magnificamente na cama – gabou-se Ismael, rindo-se, enquanto indicava ao empregado com a mão que lhe trouxesse a conta. – Para ser mais concreto, raramente uso *Viagra*, porque quase não preciso. E não me perguntes onde vamos passar a lua de mel, porque não te vou dizer.